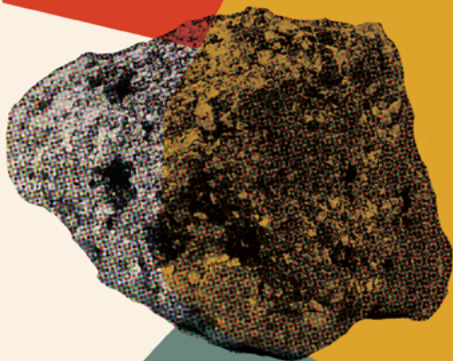


O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN EBA/UFRJ, A ESCOLA DE BELAS-ARTES/UFRJ E O CENTRO CULTURAL LIGHT APRESENTAM

os sentidos da forma
o design como ato poético



14.nov — 13.dez /
grande galeria centro cultural light

Na sociedade contemporânea, cada vez mais orientada para soluções imediatas, as atividades criadoras oferecem como alternativa deslocamentos sensoriais que alargam e intensificam a nossa experiência sobre o tempo presente. Não é fortuito que os artistas contemporâneos se voltem para uma temporalidade mais lenta, para um indefinido tempo presente no qual os processos ganham relevância sobre os resultados.

Esse deslocamento da perspectiva utilitária abre para o design contemporâneo uma via atraente que ao desativar as funções pré-estabelecidas de funcionalidade, de comunicação e informação dos objetos, possibilitam novas indagações, estranhamento e surpresa para temas considerados clássicos e inquestionáveis do design moderno. Em contraponto ao condicionamento estrito da forma à função – que muitas vezes retira do usuário a experiência estética do objeto, a possibilidade de empatia e inibe a sua capacidade de produzir novos sentidos – o design hoje aproxima-se da arte e torna-se passível de poetização.

Os trabalhos apresentados nessa exposição são frutos das pesquisas de alunos e professores de Pós-Graduação em Design. Pretendem expandir seus territórios e ultrapassar a condição utilitária, revelando valores e significados potentes para constituir novas concepções culturais.

→ andré maya, flora egécia, henrique eira e matheus mac-ginity

a Brasília dos irmãos roberto

O Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil (NOVACAP, 1957) recebeu 26 propostas e teve como vencedor o plano de número 22, assinado por Lucio Costa. O projeto exposto aqui investiga o plano de número 8, de autoria dos Irmãos Roberto. Radicalmente diferente do plano de Costa, a Brasília dos Irmãos Roberto seria formada por unidades que funcionariam como pequenas cidades interdependentes, reduzindo a escala cotidiana e favorecendo os deslocamentos a pé. O projeto especula sobre como teria sido o crescimento dessa Brasília que não foi, como ela estaria em 2018 e como seria a vida da população que nela viveria.

—
Vídeo acompanhado de prancha impressa
Impressão digital: 45 x 60 cm

→ carolina ferraz, fátima dos santos, igor outeiral, lucas sigwalt, renato medeiros

cartografias sensíveis

A instalação “Cartografias Sensíveis” permeia a relação entre projeto e cartografia da cidade, na qual foram indentificadas as trajetórias dos indivíduos entrevistados nos arredores da rodoviária do Plano Piloto de Brasília. Foram realizadas cinco entrevistas a fim de compreender a ocupação e uso do território a partir de apreensões urbanas, formas de pensar e sentir a cidade por meio do uso do espaço público. As cartografias produzidas representam as possibilidades de caminhos humanos, utilizados pela população em suas experiências cotidianas, significativos a partir das narrativas. Com intuito em promover a interação e produção de novos significados, propomos a elaboração de uma cartografia em que os visitantes da exposição possam demarcar suas trajetórias no território estudado mediante a construção do imaginário coletivo.

A obra consta da aplicação do mapa no piso, para que os visitantes possam interagir e demarcar suas impressões sobre o território estudado. Além da aplicação do mapa no piso/chão, os visitantes terão oportunidade de andar pelo mapa, assistir o vídeo que representa as trajetórias de indivíduos que foram entrevistados durante a pesquisa e apreender o local, dando voz ao imaginário dos cidadãos.

Fotografias: Carlos Moura

Produção das cartografias: Carolina Ferraz

Produção do vídeo: Renato Medeiros

Pesquisadores: Carolina Ferraz, Renato Medeiros, Igor Outeiral e Lucas Sigwalt.

—
Vídeo e plotagem de vinil adesivo no piso
Dimensões do adesivo: 100 x 370 cm

→ **coletivo provisório ounão**: ana cecilia schettino, akemi kanegusuku, felipe tavira, henrique eira, isabella brandalise, rogério camara

leite e mel, ficai com o resto

Brasília é uma cidade atravessada por narrativas. Sonhou-se muitas Brasília bem antes da cidade Brasília. Rejeitando todo ecletismo, ela foi construída sob as restrições e os princípios do funcionalismo e da pureza. Para além de tratar uma determinada linguagem como o véu da verdade, extraem-se neste trabalho frases organizadas dentro de uma estrutura lógica e arbitrária de restrição formal. Frases daquele que a sonhou, frases daquele que a planejou, frases das pessoas de Brasília, que se reorganizam pela colisão das dobras. Neste trabalho se extrai da Brasília construída a cidade de Dom Bosco. Para além do sonho e da profecia do santo italiano, o interesse do projeto é na camada de Brasília que homenageia Dom Bosco, conforme concretizada em pizzarias, escritórios, farmácias, hotéis, escolas e, até mesmo, Igrejas. A partir de um inventário de facha-

das, frases, orações, sons e artefatos, evidenciamos a coexistência da cidade de Dom Bosco com a capital Brasília através da elaboração, impressão e difusão de lambe-lambes tipográficos.

SOBRE O COLETIVO PROVISÓRIO OUNÃO

Provisório Ounão é um grupo de pesquisa do Departamento de Design da UnB que opera com sistemas auto-impostos de restrições, inspirados por modos de fazer do Oulipo e suas diversas vertentes como Ougrapo e Oucarpo. Nos trabalhos aqui apresentados estabelece-se uma cartografia constituída por um conjunto rigoroso e codificado de práticas e regras. Enfatiza-se a expressão como uma realidade específica, jogando com as classificações e linguagens correntes, implementando-se o rigor da regra para exprimir e desafiar as potencialidades presentes no mundo e, por sua vez, em nosso cotidiano.

—
Impressão de lambe-lambes tipográficos
Conjunto de cartazes | Formato A2

coletivo materialidade do papel - design, matéria e produto

Este coletivo nasceu da disciplina Design, Matéria e Produto, ministrada pela professora Ana Karla Freire de Oliveira, que sugeriu ao grupo uma reflexão acerca da materialidade no design. A partir de discussões sobre os aspectos materiais e imateriais de um produto, suas funções e subjetividades e tomando como base o papel como a matéria a ser explorada, cada aluno da turma se pôs a especular sobre os sentidos da forma e possíveis fronteiras entre design, arte e deslocamentos de função da matéria. A submissão dos trabalhos em forma de coletivo se justifica pelo próprio desenvolvimento do projeto em aula, que ao mesmo tempo em que deu voz autoral a cada aluno, também oportunizou o desenvolvimento colaborativo do projeto, com cada um interferindo no olhar do outro, formando uma verdadeira cadeia de construção de saberes e afetos.

→ ana montez

memórias do papel amassado

Este projeto transpõe a memória indizível de um desenhar em matéria. Explora não o gesto do traçar, mas o da frustração que vem em seguida: o amassar, ação que antecede ao lixo. A violência contra o feito é ressignificada em um novo fazer, onde o amassar não é mais uma opção para o descarte e sim uma ferramenta para um outro desenhar.

A antecipação de uma imagem impossível dá lugar à lida com a matéria. A água em contato com o papel expõe suas fragilidades e dita a intensidade do gesto que o manuseia. A sensação do gelado confortável da água e do calor doloroso do vento moldam as mãos e ditam um outro ritmo. Todas estas direções - do corpo, da matéria e da razão - materializam os resultados. E os que a razão considera fracassos se mostram tão papel amassado, tão aparentemente descartável quanto os sucessos.

Ante

Papel molhado, amassado e seco ao vento quente
Papel 75gr e água | Formato A3

Pulso

Papel molhado, amassado e seco ao vento quente
Papel Carbono Azul 75gr e água | Formato A3

Rastro

Molhado, amassado e seco ao vento quente
Papel Carbono Azul e Preto 75gr e água | Formato A3

Fuga

Papel molhado, amassado e seco ao vento quente
Papel 75gr e água | Formato 29,7cmx31cmx43cm

→ anielizabeth

à mary shelley

O percurso para compor esta série começa ao revisitar a obra Frankenstein. As sensações despertadas no exercício de enxergar Mary Shelley pelas entranhas de sua criação me colocaram diante de duas palavras: fragmento e dualidade.

Pintar e rasgar o papel: um misto de técnicas que, combinadas, deram forma a substâncias até então obscuras. Até onde vai a mão do criador e em que momento a criatura ganha vida própria? Fragmentar a matéria sem nenhuma ideia pré-estabelecida se constituiu no gesto essencial para dar vida a algo que até então habitava o obscuro das sensações. Da forma nasceu o verbo.

—

Onde Tudo se Desfaz

Técnicas: Monotipia e papel rasgado

Papel vergê e tinta acrílica preta (preto gráfico) | Formato A2

Carne Viva

Acrílica, monotipia e papel rasgado

Papel vergê e tinta acrílica, óleo e aquarela | Formato A2

O Branco

Papel rasgado e papel vergê | Formato A2

O que se Esconde nas Camadas que nos Vestem?

Tinta preta gráfica sobre papel. Vestido construído em moulage

Papel vergê e tinta acrílica preta

Manequim 40, altura 1,60m

→ amanda guarany

mineração

A terra é composta por vários níveis, sobreposições de camadas. A medida em que vamos desbravando o desconhecido vamos adquirindo mais conhecimento e experiência. A mineração é o desbravamento do solo, quanto mais cavamos mais preciosidades podemos encontrar, tais como o ouro, a prata, riquezas naturais de diversas formas e fins. Em contraponto o solo que passa por esse tipo de processo se torna pobre, infértil, impossibilitado de gerar vida!

A obra propõe uma reflexão sobre jóias, mineração, busca por algo nobre. Ressignificando materiais na joalheria contemporânea e trazendo luz para à questão da sustentabilidade nas ações ligadas ao fazer de tais artefatos.

—

Mineração - Desbravando o Desconhecido

Sobreposição de papel

Papel canson 200g, papel pluma e cola | Formato A3

O brilho do Nobre - A Riqueza vem da Natureza

Sobreposição de papel

Papel canson 200g, papel pluma, papel dourado, cola e fio de led

Formato A3

E agora? - Saindo da Zona de Conforto

Sobreposição de papel

Papel canson 200g, papel pluma, papel dourado, cola e fio de led

Formato A3

A Joia - A Esperança vem do Caos

Sobreposição de papel

Recortes de livro e cola | Formato 3 cm x 3 cm

→ fernanda rodrigues

design in natura

Nasce, assim, um design que ressignifica, que propõe, que explora, que possibilita; um design nas suas origens, dentro da sua própria natureza: nasce o Design In Natura. E que tem como construção de ideia para essas obras um espaço multissensorial, envolvido por materiais, cheiros, sons, sabores e que não modifica os espaços por onde passa, mas os enche de ressignificações enquanto permanece ali: a feira é onde encontro a origem e o paralelo para dar a forma, para trazer seu simbolismo, pessoal e coletivo.

Assim como a feira ressignifica o espaço, o papel nas obras será ressignificado. Utilizando a técnica de cortar e enrolar, o papel se transforma, engrandece e aparece, dando forma a novas formas e se envolvendo com cores, aromas e texturas.

—

A Cor que você Escuta

Quilling, uma forma de desenho feito com papel cortado em tiras.

Tiras de papel próprios para quilling (180g/m2) para o desenho e para o fundo papel branco 240g/m2 | Formato A3

Chega mais, Freguesia!

Quilling, uma forma de desenho feito com papel cortado em tiras.

Tiras de papel próprios para quilling (180g/m2) para o desenho e para o fundo papel kraft | Formato A3

Pra acabar a Xepa!

Quilling, uma forma de desenho feito com papel cortado em tiras.

Tiras de papel próprios para quilling (180g/m2) para o desenho e para o fundo papel canson azul 240g/m2 | Formato A3

Olha o Pesado!

Quilling, uma forma de desenho feito com papel cortado em tiras.

*Tiras de papel próprios para quilling (180g/m2) para os desenhos.
Formato 24cm x 11cm*

→ guilherme vairo

organon

Frequentemente atribuímos ânimo à objetos inanimados. Desde o voo de folhas ao sabor do vento, até o humor de rostos em carros e edificações, insuflamos vida à uma miríade de objetos à nossa volta diariamente. A mente humana parece sempre desejar companhia, ou talvez meça o mundo a sua volta com uma régua do formato que lhe é mais familiar, o da vida. Quaisquer que sejam os motivos, conscientes ou inconscientes, por pareidolias e prosopopéias, estamos sempre rodeados de ânimos.

Com fascínio e curiosidade, este projeto procura instigar o observador a soprar vida em seus objetos, a partir da representação de aspectos reconhecidamente orgânicos - movimento, simetrias, brotamentos - e do uso de materiais e estampas específicos que complementem o efeito, a fim de observar o desenrolar desse processo vitalizador.

—

Sopro

Papel dobrado e cortado

Papel seda | Formato A3

Cerco

Papel dobrado e cortado.

Papel colorplus preto 110g, esquemas de circuito impresso de antigo livro de eletrônica (ano 1976) | Formato A3

Broto

Papel dobrado e cortado.

Papel colorplus 110g (várias cores), esquemas de circuito impresso de antigo livro de eletrônica (ano 1976) | Formato A3

Corpo

Papel dobrado e cortado.

Revista de eletrônica antiga (ano 1966) | Formato A3

Formato 3 cm x 3 cm

→ iago santiago

elementos da natureza

“A água é o princípio de todas as coisas”, concluiu Tales de Mileto após observar atentamente a sua presença em tudo o que existe e precisa existir. Xenófanes de Cólofon discursava que tudo nasce da terra e volta à terra. Anaxímenes acreditava que o ar era um elemento vivo que originava todas as coisas. Heráclito de Éfeso defendia a ideia de que o fogo é agente transformador, purificando e fazendo parte do espírito dos homens.

A reflexão desses filósofos se mantiveram por séculos tentando encontrar a razão de ser, a resposta para os enigmas da existência do homem. A racionalidade grega afirma a necessidade do homem como um ser que questiona o real.

As obras retratam esses elementos da natureza através do papel plissado, personalizando um momento de racionalidade abstrata através da arte.

—

Terra Retangular

Papel plissado

Papel 90g e papel pluma | Formato A2

A praia

Papel plissado

Papel 90g e papel pluma | Formato A2

Tubulação de ar

Papel Plissado.

Papel 90g e papel pluma | Formato A2

A fogueira

Papel plissado.

Papel manteiga e lâmpada tipo vela.

1m de altura x 44cm diâmetro

→ leandro gatinho

meu cabelo, minha luta

Deixar o cabelo na sua naturalidade, seja crespo, ondulado passou a ser um dos sinônimos de negritude, abolindo outros meios que não pertencem as suas raízes é assumir sua verdadeira identidade a partir do cabelo, e desta forma encontrar mecanismos para dar suporte à luta por seus direitos, enquanto sujeitos da sua ancestralidade cultural. Ver através dos furos é tentar enxergar as ressignificações culturais construídas por essas mulheres negras. (Gomes,2002)

Diante isso, este trabalho pretende evidenciar a representatividade e resistência da mulher negra protagonizada pelos seus cabelos. Assim, escolhemos 3 personalidades de diferentes áreas como símbolo de legitimação conquistada pela mulher negra na sociedade.

Para isso, será utilizada a técnica de perfuração no papel para compor seus cabelos. Por fim, as peças podem ser iluminadas para que sua projeção na parede possa destacar ainda mais sua representação para a sociedade.

—

Marielle Franco

Papel perfurado. Perfurações por furos circulares

Máquina furadeira industrial manual sobre papel Kraft 350g/m2

Dimensões: 36x36 cm

Elza Soares

Técnicas: Papel perfurado. Perfurações por furos circulares

Máquina furadeira industrial manual sobre papel Kraft 350g/m2

e papel pluma | Dimensões: 36x36 cm

Djamila Ribeiro

Papel perfurado. Perfurações por furos circulares

Máquina furadeira industrial manual sobre papel Kraft 350g/m2

Dimensões: 36x36 cm

→ daniel de oliveira guttmann bicho

jornadas não mapeadas

“Escritas” trata da laboriosa tarefa de buscar ordenamentos no acaso. Janelas quebradas, paredes descascadas, ossos espalhados, marcas da água no concreto são congelados pela fotografia em um recorte específico de tempo e um determinado ponto de vista, gravando a ação gradual do acaso em uma imagem.

Ao revelar nas marcas deixadas pelo tempo, acidente e sorte, os alfabetos e hieróglifos indecifráveis de um mundo que não controlamos, “Escritas” convida o observador a se perder pelo labirinto infinito de leituras que ali residem.

Recompondo esse acaso e criando a partir dele uma ilusão de ordem, provocamos o observador a vislumbrar o caos buscando nele respostas que, no entanto, não nos comprometemos a fornecer. Pelo contrário, se “Escritas” tem um propósito maior é o de instigar a busca, a investigação e o questionamento pelo maior tempo possível, com a maior profundidade possível.

Se uma mensagem direta e bem apreendida é um caminho único pavimentado, “Escritas” é uma porta que se abre para um deserto labiríntico, perceber nele o vazio ou a abundância dependerá daquele que cruza esta porta.

—
*Fotografia, manipulação digital, impressão em risografia
Tinta de emulsão sob papel AG*

→ doris kosminsky

o jogo da memória

O bombardeamento de informação a que somos submetidos diariamente não se trata de uma novidade. Antes da internet, a televisão já nos inundava com imagens. Desde então, as imagens consideradas mais importantes, e também as mais chocantes, são repetidamente veiculadas por diversas mídias, fixando-se na nossa memória.

A memória está longe de ser um aparato mecânico capaz de gravar

e recuperar informações e experiências. Ao contrário, trata-se de um terreno escorregadio e pantanoso de onde surgem, de forma aparentemente incontrolável, lembranças que julgávamos perdidas e de onde, muitas vezes, não conseguimos extrair uma informação importante que considerávamos acessível.

Se a memória é hoje reconhecida como esse campo de incertezas de onde nascem as fabulações, a questão não se encontra mais na garantia de estabilidade da memória e sua capacidade de fixação e recuperação de conteúdos, mas na relação com os fragmentos que dela se desprendem. Afinal, na memória convivem os momentos poéticos ou mágicos da intimidade, do mesmo modo que os grandes eventos de natureza pública. As narrativas trazidas pela memória são capazes de mudar o modo como vivemos, assim como a própria forma como compreendemos o mundo.

—
*Acrílica sobre tela e vídeo em looping
Duas telas de 82 x 82 cm*

→ douglas luddens

esculturas de dados: a dispersão de africanos escravizados pelo mundo atlântico

A proposta que apresento é uma visualização física de dados a partir dos dados disponibilizados no projeto Slave Voyages. Insere-se no campo denominado *data art*. Tratam-se de dados sobre a dispersão e tráfico de africanos escravizados em quatrocentos anos de comércio escravista, entre os séculos XV e XIX.

Os dados disponíveis em Slave Voyages são o resultado de várias décadas de pesquisas independentes e colaborativas, com base em dados encontrados em bibliotecas e arquivos de todo o mundo atlântico. Ao todo, o Banco de Dados do Tráfico de Escravos Transatlântico contém o número aproximado de 35.000 viagens registradas. Calcula-se que 12 milhões e meio de cativos partiram da África para as Américas. Trata-se da maior migração transoceânica de um povo até então.

O número de africanos escravizados foi representado por miçangas, sendo que regiões de embarque e desembarque foram representadas por diferentes cores. Cada miçanga representa o número de 10.000 pessoas. A opção pelas miçangas se explica pela presença desses elementos nas diversas culturas do continente africano. A referência inicial foram os lindos e elaborados colares utilizados pelas mulheres de Samburu, no Quênia. No Brasil as miçangas estão muito presentes em adereços das religiões afrodescendentes, como guias e fios de contas. Esses são usados como instrumentos religiosos, que fazem elo entre a matéria e o divino, permitindo assim uma maior comunicação espiritual com o Orixá ou a Entidade.

—
Miçangas, arame e fio cordonê
Cada peça 1,10 x 2m

casaco de pedras e seres rastejantes

As duas propostas são resultados de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Design da EBA – UFRJ. São objetos criados a partir da fábula O Templo dos Espelhos. O “Casaco de Pedras” e os “Seres Rastejantes” enquanto objetos promovem a reflexão de designers e artistas sobre o lugar no mundo que ocupam enquanto produtores de coisas. Ambos os trabalhos surgem a partir da provocação em torno do tema do sacrifício. O casaco se liga aos trabalhos sobre corpo, movimento e engessamento e o seres rastejantes sobre o corte e o inquietante. Para Boris Groys, “é ao agir no mundo que o artista imprime à obra sua expressão verdadeira, seja pela captura da imagem, seja na produção de coisas”.

—
Casaco de pedras
Material: casaco, tecido e pedras

Seres rastejantes
Material: vidro, lâminas cortantes e plástico

→ irene de mendonça peixoto

reverdecer

O livro de parede “Reverdecer” é um elogio à delicadeza, atributo incompreendido, frequentemente identificado com vulnerabilidade. Quando associada à figura masculina, a delicadeza denota fraqueza e falta de virilidade, se associada à figura feminina sugere um ser frágil quase infantil. No entanto, o quanto de força e firmeza são necessários para se atuar delicadamente no mundo.

As imagens e escritos desse livro se referem às sensações delicadas que poetizam a gravidade da existência. Nas suas páginas, a delicadeza é exaltada de forma semelhante às pinturas de Matisse. O artista afirmava que um quadro deve “reter o espectador sem aprisioná-lo”, para fazê-lo sentir delicada e intensamente a qualidade do sentimento expresso (Matisse, 1908).

Este livro de parede também faz parte das minhas investigações sobre as fronteiras entre o design e a arte. Ao considerar a possibilidade de desarticulação entre usos e funções, o designer passa a projetar de modo mais aberto, gerando projetos resistentes aos imperativos da forma e eventual obsolescência. Por isso é importante que o design contemporâneo articule pensamentos de outras áreas, como a filosofia e arte, para que ele possa mais que estetizar e funcionalizar o mundo, agir revolucionariamente dentro dele.

—
Tinta acrílica, gra ite sobre papel e composição digital
Impressão digital em papel de algodão, e encadernado manualmente
As capas são de aglomerado OSB | Formato aberto 90 x 70 cm

→ jofre silva

brecha

“Brecha” surge de inquietações, desvios engendrados por histórias que desestabilizam os sentidos e lançam o corpo a experiências inusitadas, estranhas, singulares, num contrassenso incessante. Algo que seja, talvez, próximo de uma outra forma possível de vida, quase em mundos totalmente outros: uma travessia. Identificar os ele-

mentos desse território com palavras, que nunca podem explicar o mundo e só ajudam a aumentar sua ambiguidade, parece expandir tal delírio. Para Barthes, as palavras são encenadas, teatralizadas. Nunca oferecem respostas. Liberam a significação, mas não fixam sentidos.

As imagens fotográficas aqui integram proposta experimental com desdobramentos em passagens imensuráveis, agora reunidas no website: <https://phadec.eba.ufrj.br>

—

Fotografia. Tamanho: 52x62cm

→ julie pires (eba/ufrj), marcelo ribeiro (eba/ufrj), francisco freitas (iff/itaperuna), danielle mendes (letras/ufrj), laboratório de métodos computacionais em engenharia (lamce/ufrj)

inscrições (im)prováveis

Realizada inicialmente no Parque Tecnológico da UFRJ como parte do 3º Ciclo (2018) da Galeria Curto Circuito, esta instalação artística utiliza técnicas de realidade aumentada para apresentar partes ocultas da obra. A interação do público por meio de aplicativos de celulares possibilita uma fruição que mescla imagens produzidas a partir de uma imagem fixa na sala de exposição com o auxílio de realidade aumentada.

A valorização da cultura surda, em discurso contemporâneo, pode ser entendida como reconhecimento da riqueza e diversidade da linguagem. Oliver Sacks (1998) notou que a representação dos gestos difere da oralidade por ser mais próxima a uma linguagem ideográfica. Por diferente prisma, estes gestos são deslocados da ‘função’ de comunicação para dar ‘voz’ a outras camadas fundamentais, como a aleatoriedade de palavras e coisas diante do nosso olhar. Tais investigações desdobram-se em práticas visuais que, nesta obra, exploram as relações entre a escrita alfabética, sua sonoridade, e a LIBRAS por meio de interação digital entre obra e espectador.

—

Impressão digital e realidade aumentada | Dimensões: 2,50 X 0,75 m

→ julie pires

dígitos: sobre palavras ainda não escritas

Este trabalho constitui reflexão teórico-prática a partir de pesquisa artística acerca do gesto da escrita no nascedouro, nas tensões existentes entre desenho, escrita e fala. Seu desenvolvimento se dá com o processo da alfabetização, que surge como provocação inicial para uma investigação do gesto primordial envolvido no “desenho” das letras de uma escrita, quando no aprendizado daquele que escreve. Por outro lado, observa-se que no cotidiano da “cultura letrada”, utilizamos o alfabeto quase sem percebê-lo que nos custa imaginá-lo como grafismo, no exercício daquele que investe seus primeiros traços a escrever, dando-lhes a forma reconhecível por representar a sonoridade das palavras. Para o desenvolvimento do trabalho, contribuíram os textos de Jacques Derrida, Julia Kristeva, Roland Barthes, Gaston Bachelard, entre outros, e inspiraram as obras de artistas como Mira Schendel e Cy Twombly.

—

Desenho, monotipia, letraset sobre papel e realidade aumentada
Dimensões: objetos tridimensionais com 15 x 15 X 10 cm

→ katy araujo lúcio de andrade

bíblia atos29

A ideia de comunicação com o além (o Divino) por meio de uma superfície que se coloca como testemunho foi o que motivou a construção de um pensamento visual que de alguma forma evidenciasse os paradoxos existentes no livro sagrado entre os atos de ler e ver que transcendem a objetividade sensível.

Fruto de uma dissertação de mestrado em design intitulada Design contemporâneo da Bíblia: sagrado ou profano, a Bíblia Atos29 está dividida em 2 partes, folhas presas (Antigo Testamento) e soltas (Novo Testamento). O propósito, é refletir sobre a suposta transparência e invisibilidade da página, do texto e do designer – reflexo dos dogmas cristãos, como a proibição da imagem no segun-

do mandamento do decálogo e também da visão universalista do design modernista.

Propõe-se, portanto, um retorno à infância, onde o leitor experimenta uma hermenêutica livre de regras, a partir de um jogo de ler e ver; de ver enquanto lê; de ler enquanto vê e, quiçá, simplesmente ler e não ver. Além de, evidenciar a potência existente em nossos dogmas e convenções que acabam por ditar a maneira como possivelmente se entende o que é texto, o que é imagem, o que é sagrado e o que é profano.

—

Impressão e colagem

Aberto: 56,6cm x 21cm Fechado: 24,3cm x 21cm Lombada: 8cm

→ leonardo ventapane

duna

“Le vent passait sur eux, à travers eux,
comme s’il n’y avait personne sur les dunes.”
Le Clézio, Desert.

O vento desenha a duna.

A duna cresce no canto da sala e apaga o limite que o espaço cartesiano desenhava.

A cada ano, aproximadamente 180 milhões de toneladas de poeira e areia provenientes de tempestades no deserto do Saara viajam 5 mil quilômetros, vindos do leste, sobre o Atlântico, fertilizando as terras e influenciando o regime de chuvas da Amazônia.

Pela força da revelação de um deslocamento massivo pelo planeta, avizinham-se grandes distâncias, outrora geográfica e ontologicamente separadas.

O grande se faz pequeno e o pequeno, grande.

A duna é lenta incorporação de uma imagem-deserto, flutuante, por onde quer que o vento sopra.

A duna desenha o vento.

Repetimos em nossos gestos mais triviais, e em menor escala,

as dinâmicas violentas do clima e da geografia.

Ensaíamos nossas potências.

Aqui, lado a lado e junto ao chão, dois rotores de eixo horizontal giram em sincronia e em sentido contrário, como bochechas infladas de um Apeliotes gentil e decaído, descoberto em sua tarefa apenas à medida em que o deserto o atravessa, como se não houvesse ninguém sobre a duna.

—

Instalação / dimensões variáveis.

02 rotores elétricos de eixo horizontal (30 cm. diâm./cada) e serragem.

→ laboratórios lapid - ufrj, next e linda – dad puc-rio
uroborus

Fragmentos e arquivos digitalizados de peças que se perderam durante o incêndio do Museu Nacional em 2 de setembro de 2018, ressurgem em suas fantasmagorias sob a forma de objetos que congregam Arte, Design e Ciência. Desaparecimentos são reinvocados, presentificando vazios irrecuperáveis.

São formas frágeis, de difícil manutenção, que já nascem ruínas. O luto é um meio construtivo de encarar a perda. Após o luto os mortos podem descansar e espaço para o novo aporta. Mesmo que o novo seja a diversidade de como lidar com a preservação da memória através dos meios virtuais e a responsabilidade e questões éticas da manipulação destes modelos ou dados, que confundem o novo e o antigo, a tecnologia e a tradição, o sagrado e o profano. A fração do crânio de uma múmia egípcia impressa em três dimensões infiltrada com as cinzas do local, em que seu original residia, e a madeira do próprio museu gravada com a inscrição latina quanto a impermanência, são tentativas desta aproximação.

Este trabalho é uma colaboração entre os laboratórios LAPID (Laboratório de Processamento de Imagem) da UFRJ, do professor Sergio Alex Kugland de Azevedo, NEXT (Núcleo de Experimentação Tridimensional) dos professores Jorge Lopes e Claudio Magalhães e

o LINDA (Laboratório Interdisciplinar em Natureza Design e Arte) do professor Carlos Eduardo Felix da Costa, ambos do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio.

—
Memento Mori

Madeira fresada | 38 x 7,5 x 9 cm

Memória em Fragmento

Impressão 3D e cinzas | 40 x 60 cm

→ marcelo ribeiro

8 ilhas desconhecidas

A proposta do trabalho é um desdobramento em imagens e objetos de duas obras literárias que têm a ilha como ponto central nas histórias. Um dos textos é “O conto da Ilha Desconhecida” escrita no final do Século XX pelo escritor José Saramago e que se refere à busca incessante de um personagem para conseguir realizar sua viagem à ilha que ele julga existir. O outro texto é Robinson Crusoe, escrito por Daniel Defoe no Século XVIII, cuja importância literária tem sido enfatizada ao longo do tempo por autores e pensadores, como por exemplo, Gilles Deleuze.

A obra nesta exposição propõe uma reflexão sobre o design e afetos estabelecidos por meio de artefatos, da experiência estética e de fragmentos de memórias. Para a investigação e criação, foi realizada uma aproximação teórica com textos de autores como Gilles Deleuze, Roland Barthes e Jacques Derrida. Além dos aspectos metafóricos evocados pelo desdobramento do signo linguístico “ilha”, como ideia de descoberta, isolamento e desafios para as personagens literárias, reconhece-se nesta palavra uma relação que nos aproxima da história da UFRJ e da Escola de Belas Artes: planejamento, construção e mudanças de território foram realizados para a

formação da cidade universitária na atual Ilha do Fundão. Será possibilitado ao público ações que mesclam imagens, áudios, objetos e livro na sala de exposição com o auxílio de realidade aumentada.

—
Realidade aumentada a partir de desenhos e pintura presas nas páginas de um livro antigo. | Dimensões: 70 x 40 x 40 cm

REALIZAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Design EBA/UFRJ

COMISSÃO ORGANIZADORA

Doris Kosminsky (PPGD/UFRJ)

Irene Peixoto (PPGD/UFRJ)

Julie Pires (PPGD/UFRJ)

COMITÊ DE SELEÇÃO

Ana Mansur (UnB)

Carlos Eduardo Felix da Costa (DAD PUC-Rio)

Irene Peixoto (PPGD/UFRJ)

DESIGN GRÁFICO

Julia Custodio

Av. Marechal Floriano, 168 - Centro, Rio de Janeiro

